

PROFESSORES INICIANTES : DESAFIOS E PERMANÊNCIA

Andreia Dias Pires Ferreira, Universidade de Taubaté, deia.pires@hotmail.com

Joseane Amancio Pinto, Universidade de Taubaté, joseane.amancio@hotmail.com

Mariana Aranha Moreira José, Universidade de Taubaté, mariana-aranha@uol.com.br

Ana Maria Correa Gimenes Calil, Universidade de Taubaté ana.calil@unitau.com.br

Eixo Temático : Formação de Professores – Desafios na Formação Docente

Resumo:

Este trabalho representa um estudo sobre os sentimentos dos professores iniciantes e situações que enfrentam no início da carreira. Pretende-se conhecer os desafios enfrentados pelos professores iniciantes da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, e os motivos que os fazem permanecer na carreira docente. O estudo foi realizado em periódicos, teses, dissertação que versa o tema professores iniciantes e formação de professores na premissa de realizar um estudo bibliográfico sobre o tema à luz de teóricos que estudaram sobre as questões apontadas neste trabalho. Foi realizado como instrumento de coleta de dados questionários com professores ingressantes nos anos de 2012 a 2014 e a técnica do grupo focal com os professores iniciantes da educação infantil, com período de entrada na carreira, como aponta Huberman(1995) que possuem de 1 a 3 anos de experiência na docência.

Palavras-chave: Professor iniciante, Permanência, desafios

Os sentimentos e as perspectivas na inserção da carreira

Ao iniciar a carreira profissional, o docente passa por experiências específicas e com características próprias que podem definir o seu perfil e contribuir para o desenvolvimento que vai ter ao longo dela. Neste momento, os professores se defrontam com diversos desafios, tensões, sentimento de insegurança, incertezas, medos, frustrações, bem como o enfrentamento da complexidade da situação profissional e da realidade do contexto escolar.

De acordo com Huberman (1995), muitos se deparam com dois aspectos que marcam a sua inserção profissional: o da sobrevivência e o da descoberta. O aspecto da sobrevivência é caracterizado pela fase em que o docente enfrenta o choque com a realidade ao passar da condição de aluno da graduação para professor, traduzida nas indagações sobre si mesmo, no distanciamento entre o idealizado sobre a teoria da formação e a realidade da prática cotidiana, nos saberes pedagógicos, nos conflitos nas

relações e nas dificuldades apresentadas por parte dos alunos, nos sentimentos de insegurança e incertezas, de angústia e ansiedade para enfrentar os desafios iniciais.

E o outro aspecto é o da descoberta, que aponta o entusiasmo inicial de se sentir comprometido e responsável por sua profissão e por realizar uma conquista, assumindo seus alunos e adquirindo um sentimento de pertença ao grupo de professores. Estudos empíricos consideram que este aspecto permite ao professor aguentar e superar o da sobrevivência, que dá o suporte para persistir e continuar o percurso na carreira.

Segundo Huberman (1995) e Papi (2011), a fase da descoberta pode gerar ânimo e entusiasmo por assumir uma sala de aula, um grupo de alunos e por fazer parte de um grupo profissional. Apontam ainda que os dois aspectos - sobrevivência e descobertas - caminham juntos e um pode predominar ao outro neste período de entrada na carreira. Para alguns professores, o entusiasmo inicial torna fácil o começo da docência, enquanto que para outros as dificuldades e frustrações tornam o período muito mais difícil, podendo até vir a desistir dela. Para Huberman (1995), cada profissional poderá interpretar, assimilar e priorizar de maneira diferente cada situação vivenciada.

Os sentimentos e experiências desafiadoras do início da carreira podem voltar a acometer quando o professor muda de escola ou de nível de ensino. Conforme aponta Garcia (1999) estas sensações tendem a ser desenvolvidas de acordo com a trajetória profissional do professor, como as experiências que ele atravessou com a organização da instituição que lecionou, como foi acolhido pela equipe, as questões sociais e políticas enfrentadas naquele determinado momento histórico e os próprios conhecimentos teóricos que possui. As dúvidas e incertezas sobre a modalidade, a escola, os alunos reapareceram e, com elas, a necessidade pessoal de buscar formação e a ajuda de outros colegas. Huberman (1995) nutre esta reflexão ao afirmar que:

O desenvolvimento de uma carreira é, assim, um processo e não uma série de acontecimentos. Para alguns, este processo pode parecer linear, mas para outros, há patamares, regressões, becos sem saída, momentos de arranque, descontinuidades (HUBERMAN, 1995, p.38).

Na sua trajetória o professor se depara com situações desafiadoras que leva o profissional a desistir ou ir em busca de caminhos que o auxiliem na superação destes desafios e adversidades, por meio de estudos, formações, discussões e reflexões individuais ou coletivas e trocas de experiências com os pares.

Huberman (1995) procurou analisar as fases comuns que passam os professores, e os momentos do ciclo profissional ao longo da carreira. Garcia e Vaillant (2009) corroboram com Huberman (1995) ao concluírem que:

El desarrollo profesional docente tiene que ver con el aprendizaje, remite al trabajo; trata de un trayecto; incluye oportunidades ilimitadas para mejorar la práctica; se realciona con la formación de los profesores; y opera sobre las personas, no sobre lo programas (GARCIA; VAILLANT, 2009, p.76-77).

O modo de trabalho, o conhecimento, os sentimentos e as ações dos professores não são imutáveis e nem se constituem em etapas fixas de desenvolvimento, mas sim num processo dinâmico e bem peculiar, conforme nos revelou Huberman (1995). O professor vive em constante aprendizagem ao longo de sua carreira profissional, por isso, o desenvolvimento profissional docente precisa ser compreendido como um processo contínuo. Essa aprendizagem influencia diretamente no modo de ser do docente, além de contribuir significativamente para a qualificação da sua prática pedagógica.

Para investigar os sentimentos, as perspectivas e desafios enfrentados pelos professores iniciantes da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, foram realizadas duas pesquisas entre os anos de 2014 e 2015 em uma Rede Municipal de Ensino do Vale do Paraíba Paulista, cujos resultados serão apresentados.

O início da carreira e os desafios dos professores da Educação Infantil

Dos 159 professores que entre os anos de 2012 e 2014 ingressaram na Educação Infantil, verificou-se, por meio de um questionário, que apenas seis podiam ser considerados iniciantes na carreira. Tomou-se como parâmetro a consideração de Huberman (1995), que considera iniciante o professor que possui entre um e três anos de experiência docente.

Para investigar a percepção desses professores acerca dos desafios para este momento da carreira, utilizou-se a técnica do grupo focal, da qual participaram quatro professoras. Segundo Gatti, (2005 p. 9) o grupo focal “faz emergir diversos pontos de vista e processos emocionais e permite captar significados mais difíceis de ser percebidos por outros meios”.

As professoras apontaram no grupo focal os desafios enfrentados no início da carreira, com alguns pontos positivos e outros negativos, evidenciando a fase da descoberta e sobrevivência apontada por Huberman (1995):

No início também o medo da falha, [...] as vezes, o medo da falha inibe [...] acaba te prejudicando. [...] acaba por inibir certas atitudes o medo assim os pontos negativos normalmente giram em torno do medo: medo de falhar medo do fracasso (P1).

Os sentimento apontado na fala de P1 revela que muitas vezes no início da carreira o docente enfrenta o choque com o real quando passa a ser professor, traduzidas nas indagações sobre si mesmo, no distanciamento entre o idealizado sobre a teoria da formação e a realidade da prática cotidiana, nos saberes pedagógicos, nos conflitos nas relações e nas dificuldades apresentadas por parte dos alunos. Isso também pode ser observado na fala de P2:

é o medo de falhar né?! Ah, eu acho que gira entorno daí, [...]Tudo que você faz no planejamento, o seu medo de chegar lá e não dar certo (P2).

P1 aponta outro desafio na discussão quando diz que:

O momento em que planejamos uma atividade e na hora de aplicar não surge o efeito esperado . Um turbilhão de teorias que sem experiências não sabemos exatamente onde e como aplicar , o medo da falha acaba por inibir certas atitudes, e a incerteza medo do fracasso preocupação de estar realizando um trabalho bem feito ou de não estar, né?!.

P3 afirma que:

Na verdade é o seguinte, quando estamos na faculdade nós aprendemos teorias, mas assim que não tem muito a ver né, uma coisa meio que ninguém fala, que quando você chegar na escola você vai ter , vai encontrar com uma sala lotada, com crianças de necessidades especiais que não vai ter apoio humano sabe que vai trabalhar então no começo da carreira até pela pouca experiências que nós temos é meio que joga um balde de agua fria sabe? Isso é um ponto né! E também tem as escolas que tem a questão da cobrança de alguns conteúdos

As falas demonstram a dificuldade que as professoras percebem ao enfrentar o manejo da sala de aula, a insegurança, a incerteza em lidar com as situações e cotidiano do ambiente escolar. Como afirma Perrenoud (2001), o professor trabalha com seres humanos e para os seres humanos, que pensam, agem, opinam e sentem, portanto dependem também do outro para a realização profissional. É preciso então envolver-se em aprendizagens e formação constantes, para enfrentar situações intensas e complexas no meio de incertezas, dúvidas e de indecisões. Precisa aprender, agir e decidir no contexto escolar de movimentos e dinâmicas intensas.

A falta de experiência e de formação que atendam as necessidades dos seus saberes experienciais (TARDIF, 2002) também é apontada pelas professoras como desafio:

[...] é tanto conhecimento que a gente não sabe exatamente onde encaixar com falta de prática. A gente tem bastante teoria, a teoria é diferente da prática a gente sabe que precisa da teoria para prática, mas é diferente. Então é um turbilhão de teoria que a gente sem experiência não sabe exatamente como aplicar (P3).

Os saberes docentes não consistem apenas em transmitir os conhecimentos difundidos e sim uma prática com diferentes saberes e diferentes relações. Para Tardif (2002) o saber docente é um saber plural, constituído por saberes advindos de diversas fontes, a saber: da formação profissional, transmitidos pelas instituições de formação de professores e produzidos pela articulação da ciência da educação e saberes pedagógicos, os saberes disciplinares que são oferecidos e determinados pela formação acadêmica organizados por meio de disciplinas.

P4 acredita que:

[...] dá o despreparo do professor iniciante frente as questões com o relacionamento com crianças indisciplinadas pais que só querem direitos crianças com poucos ou sem nenhum limite a cobrança por parte da liderança e dos pais para darmos conta de alunos inclusos sem laudo médicos e que necessitam de cuidados especiais e de atendimentos específicos que nem sempre temos formação para tender

O saber do professor está direcionado ao sujeito social, pois ensina para seres humanos e deve saber agir e ensinar com estes que sabem que estão sendo ensinado por um professor. “Portanto, o saber não é uma substância ou um conteúdo fechado em si mesmo; ele se manifesta através de relações complexas entre o professor e seus alunos” (TARDIF, 2002 p.13).

O que os professores ensinam ou o modo como ensinam evoluem com a sociedade e com o contexto social no qual se está inserido. Os saberes sociais também evoluem ao longo da carreira e da história profissional do professor. Se aprende a ensinar praticando no próprio ambiente de trabalho, no qual ele já esteve como aluno aprendiz durante longos anos de sua história, trazendo desta época muitas e largas experiências.

Outro fator apontado como desafio foi a valorização profissional. Para P1 e P2:

O professor iniciante tem baixo salário, se comparado com outros profissionais graduados e com o mesmo tempo de exercício de profissão.

Para P3 e P4, um aspecto negativo a ser considerado é:

A falta de valorização do profissional em relação às outras profissões com mesmo nível de formação.

O início da carreira docente é um período complexo de intensas aprendizagens, e repleto de desafios, caracterizado por Marcelo Garcia (1999, p.113) como sendo "o período que abarca os primeiros anos, nos quais os professores fazem a transição de estudantes para professores", segundo o autor é nessa fase que o professor irá vivenciar grandes tensões, desafios, insegurança, medo e intensas aprendizagens necessárias à sua carreira. São essas vivências que irão constituir o profissional docente que ele será ao longo da sua carreira profissional, isto é, o que ele aprender nessa fase lhe será útil ao longo da sua carreira profissional.

Neste sentido, torna-se necessário ter cuidado com o processo de inserção de professores iniciantes, pois se o acolhimento e as condições de trabalho não forem congruentes às necessidades do iniciante, pode ser que essas condições potencializem as plausíveis dificuldades enfrentadas por eles nesse momento, podendo causar sofrimento e desconforto, ocasionando inclusive o desejo de abandonar a profissão diante dos muitos desafios enfrentados no cotidiano escolar.

Os desafios enfrentados no início da carreira dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental

Para conhecer os desafios enfrentados pelos professores iniciantes do Ensino Fundamental, aplicou-se um questionário a 68 docentes. Três elementos despontaram nas respostas apresentadas : a **falta de experiência**, a dificuldade em **ajustar a teoria à prática** e a questão da **insdisciplina dos alunos**.

A maioria dos professores apontou a **falta de experiência** como um desafio enfrentado no início da carreira, muitos alegaram ter pouca experiência, o que é comum nesse período da carreira que esses docentes estão vivendo, pois segundo Tardif (2002, p. 51) "[...] é no início da carreira [...] que os professores acumulam, o que parece, sua experiência fundamental", ou seja, é nesse período que eles irão aprender o que precisam saber para exercer a carreira docente e constituir-se como professor.

Segundo o autor supracitado, o saber experiencial é um saber adquirido na prática, no cotidiano escolar por ensaios e erros, não é um saber aprendido na faculdade

ou em cursos voltados à educação, tal afirmação torna-se evidente na fala da professora a seguir:

A falta de preparo na faculdade e de experiência. (P42)

A fala de P42 permite observar que ela acredita que a sua formação inicial poderia tê-la preparado para a inserção profissional, entretanto, os estudos realizados por Tardif (2002) afirmam que o saber experiencial, não se encontra sistematizado em teorias ou doutrinas, quer dizer, a experiência é adquirida na prática cotidiana do professor. Dessa forma, é preciso que o profissional tenha a oportunidade de ter a sua sala de aula, a sua turma para poder vivenciar as situações encontradas no exercício da docência e construir seus saberes.

As falas das P29, P32, P39 e P51 nos revelam outros desafios enfrentados por elas no cotidiano escolar, conforme as respostas a seguir:

Experiência e prática no domínio de classe (P29).

Falta de experiência, material e conhecimento de como a rede municipal funcionava (P32).

A falta de experiência no início da carreira nos deixa um pouco inseguro (P39).

Falta de experiências e de interesse de alguns alunos (P51).

As respostas apresentadas por estas participantes, nos remetem ao que Veeman (1984 apud NONO, 2011, p. 21) denomina de "choque com a realidade", quando o docente se frustra ao descobrir a distância existente entre os seus ideais educacionais e a realidade do cotidiano escolar. Algumas das situações que frustram esse iniciante são: falta de recursos, a indisciplina e a falta de domínio da turma, o fazer pedagógico e o processo de ensino, entre outras.

Outro desafio que se relaciona com este, é a questão do **ajuste da teoria à prática**. Para as estas professoras, este foi um grande desafio, pois trazer toda a teoria aprendida ao longo da formação superior para a prática da sala de aula se apresentou como uma dificuldade no início, pois, em sala de aula é preciso que o professor articule e coloque em jogo vários saberes ao mesmo tempo, como: a teoria, o conteúdo, a didática, a metodologia, o domínio da turma, entre outros. As respostas abaixo evidenciam tais dificuldades apontadas por elas:

Ajustar a teoria a prática e a realidade dos alunos (P4).

Conseguir adequar a teoria estudada com a realidade e a prática (P30).

Adaptação do currículo ao período disponível de aula. Planejamento da rotina escolar (P45).

A teoria estudada e a atual realidade da nossa sociedade (P65).

O processo de ajustar a teoria à prática não é algo fácil e mecânico, é desenvolvido e aprendido na prática, é preciso refletir sobre a prática à luz da teoria. Nesse sentido, Freire (2000, p. 43) afirma que é na formação do professor que devemos exercitar a reflexão crítica sobre a prática: “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Alinhar a teoria à prática é um processo gradativo, que é desenvolvido por meio da reflexão da prática, objetivando a transformação e o aprimoramento da prática, pois segundo Freire (2004, p.70) “é pensando a prática que aprendo a pensar e a praticar melhor”.

Por fim, outro desafio identificado nos resultados da pesquisa, foi a **indisciplina dos alunos**, o domínio da turma, o que conseqüentemente acaba prejudicando o desempenho da turma. Essa dificuldade apresentada por elas revela o “choque de realidade” que vivenciaram:

Falta de respeito dos alunos e até mesmo de alguns professores (P2).
A indisciplina dos alunos (P36).
Dificuldade de aprendizagem dos alunos e indisciplina (P38).
Como lidar com salas superlotadas, alunos com problemas de comportamento ou extrema dificuldade de aprendizagem (P62).
Lidar com a indisciplina dos alunos (P67).

Lima (2006) aponta que a indisciplina se apresenta também como um desafio no início da carreira. Ao analisar a angústia e a solidão do primeiro ano de trabalho de uma professora, que passava por muitas dificuldades em sala de aula e não buscava ajuda de ninguém, verificou que a mesma se isolava, pois acreditava ser sua incompetência, e tinha vergonha de se expor. O primeiro ano de trabalho desta professora foi marcado por fracassos e insucessos. No segundo ano de exercício da docência desta professora ela transformou suas experiências negativas em pistas de como melhorar, e no terceiro ano melhorou ainda mais.

Ao analisar os primeiros anos de docência da professora trazidos por Lima (2006), percebe-se que, os primeiros anos de docência são repletos de agruras, o que Huberman (1995) difundiu como o período da sobrevivência. Neste sentido, podemos observar que as dificuldades são as mesmas, em diferentes lugares, com diferentes professores, todos passam por esses sentimentos, porém, são as experiências vividas nesse período que os ajudam a aprimorar a sua prática, esse período possibilita a aprendizagem da docência, a qual o professor se apropria do saber experiencial e

temporal, respectivamente, adquire na prática e com o tempo ao longo do desenvolvimento da sua carreira profissional Tardif (2002).

A experiência é de suma importância à aprendizagem da docência, porém, não é solução para os todos os problemas, tampouco a única forma de aprender a docência, pois a docência é algo complexo que envolve o domínio de classe e do conteúdo, entre outros. Sobre isso, Lima (2006, p. 37) afirma que "aprender a ser professora é aprender a lidar com todas elas ao mesmo tempo", talvez isso explique o sentimento e as dificuldades enfrentadas por elas no início, a passagem pelo período da sobrevivência nos primeiros anos de trabalho, apresentados nas respostas a seguir:

O domínio da classe e dos conteúdos (P14).

Compreensão do sistema e inserção nele. Domínio de classe (são muitos alunos) (P16).

A insegurança, o medo de errar no como aplicar os conteúdos (P46).

Em meio a tantos desafios, o que as fazem permanecer na carreira docente ?

A satisfação e a realização profissional estão ligadas a permanência na carreira profissional, assim como as condições de trabalho e as condições salariais. Esses condicionantes influenciam diretamente em suas vidas e ideais almejados como profissionais.

Apesar dessas condições serem diferentes, ambas caminham juntas. Considerando que o professor iniciante vive em busca de uma sentido para desenvolver-se como profissional e a continuar na carreira com satisfação, essas condições deveriam atender a expectativa deles que almejam melhores condições de trabalho e salários.

Dessa forma, as dificuldades e os desafios vivenciados no início da carreira, são determinantes em sua permanência ou não na profissão. Por isso, em seus estudos, André (2012, p. 115) ressalta que "as políticas para professores devem assegurar que os docentes trabalhem em um ambiente que favoreça seu sucesso", ou seja, é preciso criar condições para que os professores permaneçam na carreira.

Em meio a tantos desafios colocados pelos professores, dos 68 que responderam o questionário, 48 afirmaram que nunca pensaram em desistir da carreira e 20 já pensaram em desistir da carreira docente logo no início. Diante dos dados apresentados, o que as fizeram permanecer? O que as movem a continuar exercendo a docência?

Dentre as respostas obtidas, observou-se que grande parte dos professores iniciantes justificaram o opção pela permanência pelo **amor à profissão** e por **acreditar na educação**, outros responderam que continuam na docência pela **falta de oportunidade em outros setores**. As falas a seguir expressam a decisão da permanência na carreira:

A opção pela profissão desde o início. Acredito que posso contribuir com a sociedade pela educação (P1).

Ainda não me vejo realizado em outras profissões, pois quando os alunos demonstram ter aprendido algo comigo, me sinto plenamente capaz e orgulhoso de ter "servido", sido útil, para alguém (P22).

É o que gosto de fazer, embora não seja nada fácil, às vezes frustra, abrir as portas do conhecimento, ajudar em novas descobertas, ampliar visões, construir novas e boas atitudes com os meus alunos, isso me realiza e supera as frustrações (P30).

O amor pela profissão (P37).

O amor pela profissão e acreditando em uma educação melhor (P55).

A falta de oportunidades em outros setores (P56).

Eu gosto muito da minha profissão e tem alunos que precisam da minha dedicação (P60).

Embora já tivessem pensado em desistir da profissão docente, ao indagarmos se estavam satisfeitas com a profissão, 58 das participantes afirmaram que estão satisfeitas. Dentre as respostas obtidas, foram frequentes as que responderam que são satisfeitas por amarem o que fazem, por acreditarem na educação, por sentirem-se realizadas profissionalmente ao ver ao aluno aprender, por sentirem-se importante, algumas ainda acrecentaram que, apesar de estarem satisfeitas e realizadas, têm consciência de que é preciso melhorar as condições de trabalho, como: salário, quantidade de aluno por sala e melhor formação.

Embora sintam-se realizadas profissionalmente, as respostas coletadas apontam que essas professoras, estão descontentes com vários condicionantes, como baixo salário, desvalorização profissional, excesso de responsabilidades e de alunos nas salas, entre outros. As respostas a seguir justificam as insatisfações apresentadas por elas.

Receber melhor remuneração, reduzir a quantidade de alunos por sala e receber melhor formação (P8).

Não me sinto reconhecida devidamente pelo sistema (salário) e às vezes, pela comunidade por nos deixar responsável de criar seus filhos (P11).

Não me sinto valorizado profissionalmente em relação a remuneração e reconhecimento culturalmente. O professor é visto como última escolha da profissão, ou como função que qualquer um pode fazer, sem muitas responsabilidades (P22).

Apesar das insatisfações apresentadas, todas continuam na carreira docente, pois apesar das suas frustrações, passam por situações de entusiasmo que as fazem continuar na carreira, as frustrações e o entusiasmo ocorrem paralelamente, isso fica evidente nas respostas das professoras a seguir:

Adoro minha profissão, o que precisa melhorar são as condições de trabalho (P36).

Gosto muito do que faço, apesar dos desafios diários diários, a educação sempre valerá a pena (P39).

Me sinto realizada profissionalmente, mas gostaria de receber melhor remuneração (P46).

Na Educação Infantil as respostas das professoras que participaram do grupo focal expressaram que sentiram insegurança, medo, dúvidas e ao mesmo tempo se depararam com os sentimentos de euforia, entusiasmo satisfação. Elas permanecem na profissão por conta da estabilidade, pelo amor às crianças e à profissão, o que pode ser observado na fala de P1:

A satisfação em exercer a função, a oportunidade de trabalhar com o currículo da rede porque ele é excelente, [...] não tem nem o que falar ele é lúdico e ele é prazeroso também isso no fazer com as crianças neh. [...] A gente tem um grande percentual de famílias que tem confiança no nosso trabalho né, também a satisfação de receber essa criança isso pra gente é muito gratificante (P1).

P3 demonstra o sentimento inicial de satisfação em assumir uma sala de aula em fazer parte de um grupo de profissionais, a segurança em iniciar numa rede municipal de ensino, quando afirma um ponto positivo como:

a estabilidade no cargo, né, porque o professor que inicia ele que ser funcionário público, né? (P3).

P2 também aponta aspectos de descobertas que marcam o início da carreira:

mas o ponto positivo que marca muito[...] a estabilidade como funcionário público, como professora, como docente publica. É a estabilidade e também a credibilidade [...]. A gente sabe que tem muita coisa que é falha que tem muita coisa que ainda tá por construir mas eu acredito, eu quis trabalhar na rede por que eu acredito que é uma rede que tem esta estrutura bem formada. É a credibilidade [...] responsabilidade da rede com o ensino né? (P2).

Os excertos apresentados acima, retratam a fase da "descoberta", a qual Huberman (1995), caracteriza como o período que o professor está entusiasmado, feliz por ter a sua turma e fazer parte de um corpo profissional, segundo o autor, é esse

aspecto que dá resistência para o professor suportar os desafios encontrados no início e permanecer na carreira, e ocorre paralelamente a "sobrevivência", mas é a "descoberta" que a faz permanecer.

Considerações Finais

O período de inserção do profissional docente é um momento marcante e importante em sua carreira, pois o que ocorrer neste período implicará no profissional que ele virá a ser ao longo da sua carreira. Para as professoras participantes desta pesquisa, o processo de indução se mostrou um momento repleto de desafios e dificuldades.

Por meio dos dados coletados, pudemos inferir que as condições de trabalho implicam no desejo de permanecer ou desistir da profissão, também percebemos que os fatores que interferem nessa questão é a falta de experiência, a dificuldade em relacionar a teoria à prática e a indisciplina dos alunos. Essas condições causam mal-estar, sofrimento e desconforto aos profissionais.

A análise dos dados desta pesquisa evidenciou que o início da carreira docente foi desafiador tanto para as professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental como para as da Educação Infantil, o que nos ficou claro, é que todo professor iniciante, passa pelos mesmos sentimentos, independente do seguimento de ensino, todos se sentem inseguros frustrados, passam pelo “choque de realidade”, e sentem muita dificuldade em gerir a aula.

Foi interessante identificar que apesar de todos os problemas, dificuldades e desafios apresentados, constatou-se que o que as fazem permanecer é o amor a profissão, o bem estar de saber que está contribuindo com a sociedade, a satisfação de ver o aluno aprender e a estabilidade profissional, coincidentemente, os sentimentos que as fizeram permanecer foram comuns às professoras do Ensino Fundamental e da Educação Infantil, confirmando mais uma vez que os sentimentos pelos quais os professores sentem no início da carreira são os mesmos, independentemente do nível de ensino que iniciam sua carreira.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. Políticas e programas de apoio aos professores iniciantes no Brasil. **Cadernos de pesquisa**. Fundação Carlos Chagas. São Paulo. Vol. 42, n.145, Jan-abr, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 16. ed. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 2004.

GATTI, B.A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber livro, 2005.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.) **Vidas de professores**. Portugal. Porto Editora. 1995. p. 31-61.

LIMA, E. F. **Sobrevivência no início docência**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

MARCELO GARCIA, C. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

NONO, M.A. **Professores iniciantes: O papel da escola em sua formação**. Porto Alegre, Mediação, 2011.

PAPI, S.O.G. **Professoras iniciantes bem-sucedidas**: um estudo sobre seu desenvolvimento profissional. 2011. 300f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011.

PERRENOUD, P, **Ensinar na urgência, decidir na incerteza**. Saberes e competências em uma profissão complexa. Porto Alegre (Brasil), Artmed Editora, 2001.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.